

O embaixador de Portugal em Londres, sr. dr. Armindo Monteiro, acompanhado de Sir Francis Lindley, director do Banco Anglo-Português, e da esposa do sr. António de Faria, conselheiro da nossa Embaixada, à saída de uma sessão da Sociedade Anglo-Portuguesa, em Picadilly, onde acabava de realizar-se uma conferência do sr. Rodney Gallop sobre a música e o folclore português.



VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES
ANO II — N.º 78 — LISBOA, 12 DE NOVEMBRO 1942
PREÇO AVULSO: 1 ESCUDO



Leia neste número a crónica de FRANCISCO VELLOSO:
A VITÓRIA VÔA SÔBRE O DESERTO.

CALCADA DA GLÓRIA

A MANEIRA DE... AUGUSTO DE CASTRO

LISBOA vai-se transformando. O corte do vestido como a aba do chapéu ou o feitiço do sapato não são os mesmos que eram, por exemplo, aqui há trinta anos. A Lisboa da Mouraria e do Bairro-Alto, cheia de guitarradas e de gatos, essa mesmo deitou «toilette» nova, sonha com Hollywood, e já trata a Europa por tu — como vizinha de ao pé da porta. Mas, por dentro, Lisboa é sempre a mesma. A sua personalidade conserva-se, intacta, pela mesma forma que nós, lá por deitarmos [a] pela nova, não mudamos do que somos. Pode a Lisboa das Avenidas, do aeroporto, das ruas asfaltadas, dos prédios-colmeias, estar agora, pelo «Clipper», a um pulo de Londres ou a um salto de Nova-York; no fundo é a eterna alegre, clara, simples e bonacheirona Lisboa, que suspira à guitarra, que namora ao luar e cujo braço está no mangerico à janela. No seu guarda-vestidos ao lado do «tailleur», género alfaiate, continuam pendurados o seu querido avental de cravos e a sua velha saia de ramagens. O presente não esquece o passado. Lisboa continua assim o seu grande destino. A esse dentro chama-se História.

FESTA RIJA

HOUVE recentemente festa rija em casa do distinto escritor Eduardo Dias. Jantar de gala. Ergueram-se taças. Fizeram-se brindes. Os donos da casa viram-se alvo duma autêntica apoteóse. E porquê, tudo isto? — perguntar-se-á. É simples: porque conseguiram arranjar uma pescada para o jantar!

DIREITO CIVIL

— **U**MA das causas do divórcio?
— O casamento.

JOÃO DE DEUS E OS MELROS

INAUGUROU-SE, como sabem, no Jardim da Estrêla, um monumento a João de Deus. *The right man in the right place*. Damos hoje estes versos, pouco menos que desconhecidos, e com os quais, há 47 anos, Júlio Dantas — então um rapaz! — saudou o lírico do *Campo de Flores*:

*Todos róxos os melros, ao luar,
No froxel de ouro dos pequenos
berços,*

*Dão aos filhos lição. É singular!
Antes de os ensinarem a voar,
Ensinam-lhe os teus versos...*

O CAVALO ENFURECIDO

UM dia destes, em Cascais, um cavalo duplamente espantado e enfurecido entrou numa relojoaria — e inutilizou um número considerável de relógios. A história

O BARROS... DAS FITAS!



Tem o caminho traçado
Desde os tempos de menino
Este Barros celebrado:
Fazer fitas — o seu fado.
Desfazê-las — seu destino.

Ó rua do bom Leitão,
Juncada de erva daninha:
Se êle faz outra «fitinha»:
Tiro-te as pedras do chão
E faço-lhe uma estatuazinha!

(Para cantar à guitarra, com a música do fado da lita «A Severa»)

do macaco na loja da loiça podemos acrescentar agora a história do cavalo — em casa do relojoeiro. Com uma diferença: é que a primeira é de origem francesa — e a segunda é, tipicamente, nossa.

UMA HISTÓRIA

ESTA história não será nova. — mas tem sempre curiosidade.

Discutia-se num grupo qual seria a profissão mais antiga.

— Sem dúvida alguma a de advogado — disse um dos presente, homem do fóro — Quando Caim matou Abel surgiu a primeira causa de direito comum.

— Perdão — retorquiu um médico — A medicina é a mais antiga. Quando Deus criou Eva duma costela de Adão, realizou a primeira operação cirúrgica.

Lembrem-se — exclamou logo um arquitecto — que antes do aparecimento do primeiro homem, fêz-se o mundo do cáos. A arquitectura, como se vê, é a profissão mais antiga.

— Todos têm, mais ou menos, razão, meus amigos — comentou, por fim um diplomata — A verdade é que a diplomacia bate o «récord». Foram os diplomatas que fizeram o cáos...

PENSAMENTO

HA uma coisa muito mais grave do que pensar: é dizer em público o que se pensa.

MARK TWAIN

DURANTE uma das suas «tournée» de conferências na América, Mark Twain entrou, uma bela manhã, num barbeiro. En-

quanto o escanhoava, o Figaro perguntou ao cliente — para êle desconhecido — se ia nessa noite ouvir o célebre humorista.

— Faço tenção...
— E já tem bilhete? — perguntou o barbeiro.

— Não. Porque?
— Então arrisca-se a ficar em pé, porque desde ontem que não há bilhetes...

— Já estou habituado — comentou Twain, no ar mais triste do mundo. — É sina minha ter de estar em pé — sempre que êsse senhor faz uma conferência!

NOIVOS

EM plena lua de mel. *Ela* tem 25 anos; *Ele*, 52. Casamento de amor? Talvez. Casamento de conveniência? Quem sabe!

Ela (num enlévo) — Adoro-te entre outras razões porque és um bonito homem...

Ele — Como tu és amável!
Ela — E sabes o que acho em ti de mais fascinante? Os dentes.

Ele (estendendo-lhe a dentadura na ponta da língua) — Nesse caso permite-me que tos ofereça...

A PORTA DE EDISON

ANTES de enriquecer, Edison vivia modestamente numa pequena casa, em plena província. Certa ocasião um amigo que o visitou teve a oportunidade de constatar que a porta da entrada se abria com dificuldade.

— Porque não deitas um bocado de azeite nos gonços? Assim, a porta custa muito a abrir...

Logo Edison lhe explicou:

— Não, meu velho. É que eu inventei um aparelho que está ligado à porta. Cada vez que a porta se abre, sai um balde de água do poço que eu tenho no quintal!

SENTIMENTO DE PROPORÇÕES

HA dias atravessavam o Chiodo o dr. João de Barros e o dr. Joaquim Manso. Passou uma rapariga e logo êles pararam considerando aquela mulher — e sorriram embevecidos. Alguns passos andados, passou um padre, e logo o dr. João de Barros e o dr. Joaquim Manso, muito sérios, tiraram o chapéu.

Aqui está um exemplo do sentimento das proporções.

BOA RESPOSTA

A célebre artista Madeleine Brohan tinha bastante espírito. Um dia alguém, falando-lhe do seu passado glorioso disse-lhe, num sorriso:

— A idade é o diabo! Não se pode ser — e ter sido...

Logo ela:
— Não estou de acôrdo. Por exemplo no seu caso. Pode ter-se sido parvo — e ser-se ainda...

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES



A VIDA EM LONDRES

O rei Jorge VI passando revista de inspecção a um grupo de rapazes e raparigas que se ofereceram para fazer serviço de ligações no exército.



EM CIMA: A esposa do Presidente Roosevelt, à sua chegada a Londres, era esperada pela Rainha Isabel, a quem a multidão aclamou a caminho do Palácio Real. — EM BAIXO: Na Sociedade Anglo-Portuguesa, de Londres, realizou-se, presidida pelo Embaixador do nosso país, uma festa em que foi conferente o sr. Rodney Gallop, que falou acerca da música e do folclore de Portugal. Cantou alguns trechos populares portugueses a artista Maxwell Tyte. O sr. dr. Armino Monteiro fez a apresentação do conferente, que é autor do livro «Portugal a Book of Folkways».



Um grupo de jornalistas brasileiros visita neste momento a Grã-Bretanha a convite da «British Council». Entre eles, na gravura, vê-se o sr. dr. Moniz de Aragão, embaixador do Brasil na capital londrina, e sir Malcolm Robertson, «chairman» da «British Council».



Volto o reinado da bicicleta!

PERNA abaixo, perna acima: Zás, zás, pedala que pedala... Zeee... ahn!

Pum! Um furo! Uma cambalhota, um fotógrafo dextro, ali mesmo à mão de semear — e vejam lá se ficou feita a gravura aqui ao baixo da página!

Diante dela, lembra-nos tudo: a liteira que já não se usa, as saias que se encurtaram, as pernas que se despiram, os automóveis que se gozaram, os combustíveis que se secaram, os músculos que se enrijaram — as bicicletas que se guardaram e depois se procuraram...

Outros tempos, outros ventos — que é como quem diz: outros usos, outros



costumes, o que nunca se viu e se vê, o que nunca se fez e se faz.

Psicose da vida. Traumatismo do tempo. Necessidade da época. Renovação, evolução — ronda e mais ronda dos tristes dias marcados por cada segundo da existência... No fim: regresso.

Regresso de ideias, de factos, de atitudes, de costumes; «pose» mental e moral — um compêndio de filosofia que ninguém lê mas que todos praticam...

Todos, salvo seja: há muito papá que por nada dêste mundo seria capaz de acomodar as pernas no pedal de uma bicicleta; e há muita mamã que não realizaria o milagre de acomodar a coluna vertebral perpendicular ao selim...

A bicicleta é para os novos, para a gente ágil, elástica, felina. Porque a bicicleta de hoje não é a de há cinqüenta anos: tem «souplesse», cinéfilismo, domínio do homem sôbre a máquina comandada.

Recurso de guerra?

Não! Pretexto de guerra!

Em boa verdade, se não fôsse a guerra, seria necessário inventá-la, com tôdas as faltas de gasolina, para que os rapazes e as raparigas se desculpassem do hábito da bicicleta, que já lhes andava a remorder na massa do sangue: no Campo Grande, nas praças e jardins mais recatados, há quanto tempo era desporto de casados e solteiros.

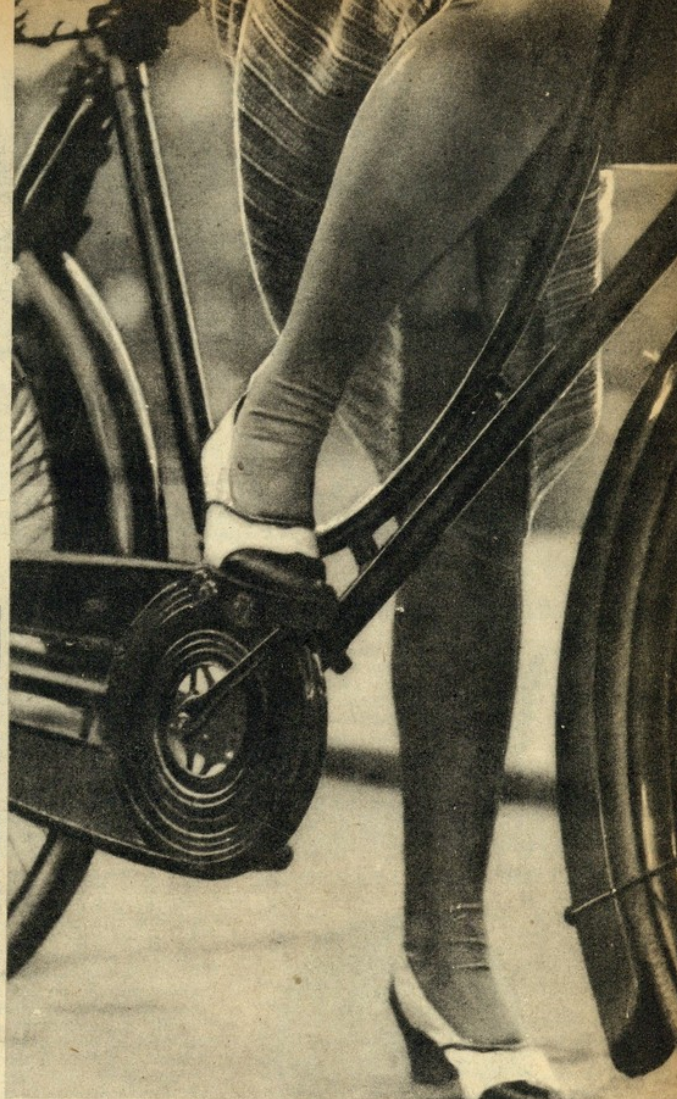
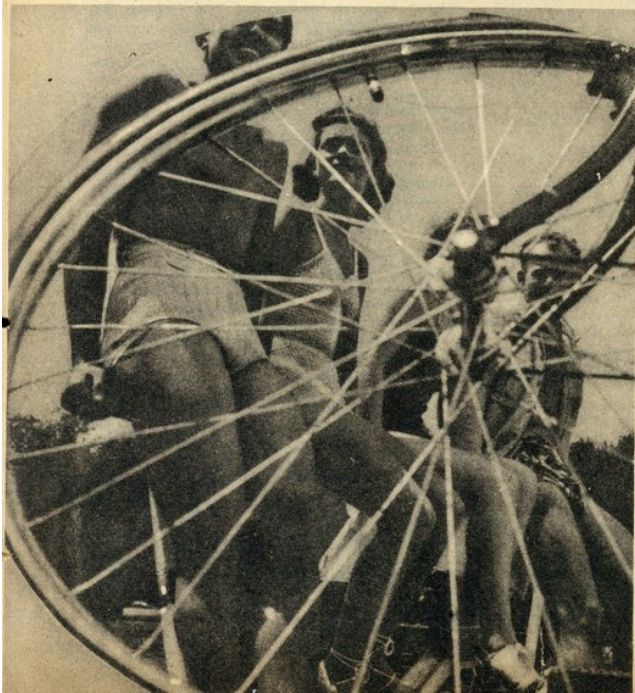


éste do ciclismo? E lá fora, na França, na Inglaterra, na Alemanha?

Hoje, que os combustíveis escasseiam e que, mais



ou menos, todos os países estão a contas com a sua «Carris» — deitou-se mão da bicicleta, não como um caso de socorro, mas como a precipitação de um facto imutável na história dos transportes e desportos. Eles



e elas lançaram-se na velocipedia, pedala que pedala: para as excursões, para o trabalho, para as compras, para as visitas, para os casamentos, para os baptizados — dentro de pouco tempo só a bicicleta aparecerá a competir com os cavalos das grandes equipagens... Na ronda dos tempos, a bicicleta regressa — não como um objecto de recurso, mas como uma utilidade que acompanhou o homem em cinqüenta anos de experiência em matéria de trans-

portes, à espreita do seu reinado.

Façamos, portanto, uma reverência a sua majestade a bicicleta, e mais às «biciclistas» que, como estas que acompanham estas páginas, merecem também o nosso mais rasgado cumprimento...



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

capítulo XV - A evolução americana

3

A ELEIÇÃO DE ROOSEVELT

A luta entre Roosevelt e o seu adversário, Wendell Wilkie, o primeiro candidato do partido democrático, o segundo candidato do partido republicano, relegou para segundo plano, no espírito de muitos cidadãos norte-americanos, a luta que ia travada no Atlântico entre a Grã-Bretanha e as potências do «eixo», a qual afectava, de maneira directa, os interesses dos Estados Unidos. A simpatia que a maior parte

dos americanos votava à Grã-Bretanha não diminuiu apesar disso. Por outro lado prosseguiram, em escala crescente, os preparativos para assegurar a defesa nacional, tomando o governo de Washington medidas que, em circunstâncias diversas, seriam consideradas como simples argumentos de propaganda fornecidos ao adversário eleitoral. Tanto os democráticos como os republicanos, embora discordando em assuntos de política interna, exigiam o rearmamento das forças armadas americanas e a prestação de todo o auxílio possível ao governo e ao Império britânicos. Este acôrdo essencial não evitava, porém, que os assuntos relacionados com a guerra e com a política externa fossem discutidos, ao longo de toda a campanha eleitoral.

O sr. Wilkie e os seus correligionários acusavam o presidente Roosevelt de seguir uma política belicosa e, ao mesmo tempo, afirmavam que a defesa da nação não estava devidamente assegurada e que o potencial industrial do país não atingira o grau de desenvolvimento e eficiência que seria legítimo esperar.

Os democráticos que defendiam a política e a orientação do presidente, por seu lado, asseguravam que era precisamente nos arrcais do partido republicano que se encontravam aqueles norte-americanos que revelavam simpatias abertas pela causa dos países do «eixo» e ainda aqueles que julgavam possível realizar um entendimento entre esses países e os Estados Unidos da América do Norte.

Havia, porém, um grande número de americanos que nada tinham nem contra o presidente em exercício nem contra a sua política, mas a quem desagradava a eventualidade de uma nova reeleição do sr. Roosevelt. Este facto não tinha, efectivamente, precedentes na história da República norte-americana e uma parte importante do povo dos Estados Unidos manifestava, a respeito dela, uma inquietação compreensível. Não faltavam mesmo os chefes políticos que iam até ao ponto de afirmar que a terceira eleição do sr. Roosevelt transformaria este num verdadeiro ditador.

PROBABILIDADES ELEITORAIS

As probabilidades de uma vitória retumbante

WENDELL
WILKIE

do presidente em exercício eram bastante diminutas ainda durante o mês de Junho de 1940. O partido democrático perdera bastantes lugares nas últimas eleições para o Congresso e mostrava-se profundamente dividido. Os democráticos de feição conservadora consideravam o «New Deal» excessivamente radical. Por outro lado, o candidato republicano, Wilkie, não reunia também a unanimidade dos sufrágios dos seus correligionários. Os veteranos do partido acusavam-no de ter sido um democrático entusiasta e de não ter, para opor ao dinamismo do «New Deal», qualquer coisa que não fosse o «contrôle» do Estado sobre a economia nacional e de maneira especial sobre as grandes empresas privadas. Essa orientação, ao mesmo tempo que lhe concitava as simpatias de certos democráticos, criava-lhe a hostilidade de vários elementos republicanos.

Pouco tempo depois, porém, a nação começava a manifestar-se a favor de Roosevelt, fazendo as vitórias dos países do «eixo» na Europa com que muitos americanos entrassem a perguntar a si próprios se seria, efectivamente, aquêle o momento mais propício para mudar de piloto no meio da tempestade. E começou assim a criar-se a convicção de que haveria toda a vantagem em conservar ao leme da nau do Estado um piloto hábil e experimentado.

Durante algum tempo, a evolução da campanha deixou muitas pessoas indecisas quanto ao seu resultado. O sr. Wilkie conduzia a propaganda da sua candidatura com grande energia. A sua personalidade era insinuante. As preocupações do presidente Roosevelt impediam-no de tomar parte pessoalmente nas primeiras fases da campanha. Mas quando ele entrou na luta, mostrou a sua antiga coragem e rebateu enérgicamente os ataques dos seus adversários, os republicanos. No primeiro discurso que pronunciou em 23 de Outubro, avisou-os de que o povo americano se não deixaria impressionar por uma guerra relâmpago de bombas verbais.

Foi nesse discurso que Roosevelt afirmou:

«A pior bomba que os chefes republicanos lançaram contra o povo foi a acusação de que o governo, sem conhecimento do Congresso ou do povo, tinha secretamente entrado em negociações com países estrangeiros. Dou a minha palavra de honra que não há nenhum tratado secreto, nenhuma obrigação secreta, nenhum compromisso secreto, nenhum entendimento secreto de qualquer espécie com outros governos que possa envolver a nação americana na guerra». Verificou-se que contra o Presidente se manifestava a quasi totalidade dos jornais escritos em alemão e italiano que se publicavam nos Estados Unidos e essa circunstância influiu no espírito de muitos dos eleitores.

No seu último discurso, antes das eleições, que proferiu em Cleveland em 2 de Novembro, Roosevelt afirmou que tinha feito tudo e continuava a fazer tudo para conservar a América afastada da guerra. «Mas, acrescentou, também é minha intenção manter a política externa do governo. O principal objectivo dessa política é conservar o país fora da guerra e dar o possível auxílio material às nações que queiram resistir à agressão no Atlântico e no Pacífico».



A América, em seu entender, não podia aceitar a doutrina de que a guerra faz parte do destino do homem; defenderia, portanto, as liberdades d'êsta contra as forças que tentavam dominá-lo.

O DIA 5 DE NOVEMBRO

Em 5 de Novembro realizou-se a eleição, os candidatos eram quatro, mas o comunista Earl Browder e o socialista Norman Thomas não contavam. As primeiras notícias conhecidas mostravam que Roosevelt tinha alcançado a maioria em 31 dos 45 Estados da América do Norte. Podia dizer-se, com inteira confiança, que a sua vitória estava assegurada. Na manhã seguinte, Wendell Wilkie admitia essa vitória e enviava a Roosevelt um expressivo telegrama de felicitações, tendo esta iniciativa produzido a melhor impressão na opinião pública norte-americana.

Os números definitivos publicados no dia 7 de Novembro mostravam que 25.936.562 eleitores tinham votado em Roosevelt e 21.591.032 no seu adversário.

No Parlamento, o presidente passava a dispor também de uma grande maioria como se verificava pelos seguintes números que resumiam a composição das duas Câmaras:

Senado: 66 democráticos; 28 republicanos, 2 de outros partidos.

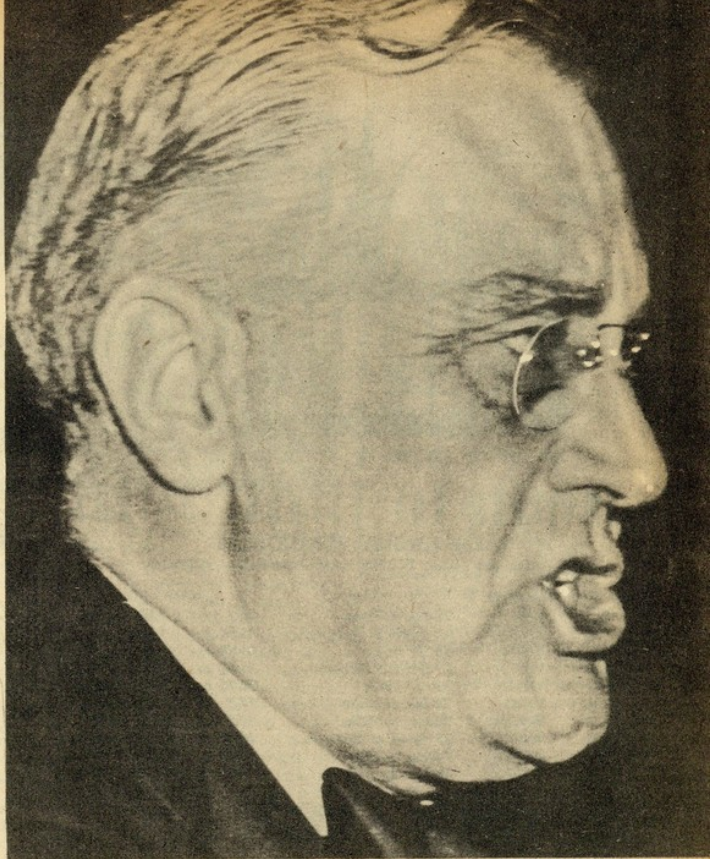
Câmara dos Representantes: 264 democráticos, 162 republicanos, 9 de outros partidos.

A vitória de Roosevelt destinava-se a ter consequências incalculáveis. A sua importância para os governos e para os povos da Grã-Bretanha e seus aliados não podia ser posta em dúvida. O sr. Wilkie afirmara que nos domínios da política externa seguiria, caso fosse eleito, uma orientação idêntica à do presidente em exercício. Mas a reeleição d'êste último provocou na Grã-Bretanha uma satisfação de que dava bem nota a seguinte passagem de um artigo do «Times»:

«Ter sido eleito o sr. Wilkie significaria alguma coisa mais do que um simples sobresalto na Administração, no momento em que é necessário trabalhar sem entraves. Significaria que nos dois meses que poderiam ser críticos para a história da América e do mundo — os Estados Unidos não teriam um chefe efectivo. O sr. Wilkie não poderia exercer as suas funções, porque não entraria nelas senão em Janeiro seguinte. O sr. Roosevelt ficaria privado de toda a autoridade pela derrota. Seria essa a grande oportunidade para Hitler na Europa e para o Japão na Ásia tomarem rapidamente a ofensiva que os tornaria invencíveis.»

COMO FOI VISTA A ELEIÇÃO

Os jornais das potências do «Eixo», embora insistissem em que a eleição presidencial era uma questão de política interna com a qual nada tinham os governos dos países estrangeiros, não deixaram de manifestar o seu interesse pelo acontecimento. O Imprensa japonesa não escondeu também as suas apreensões,



Presidente Roosevelt dos ESTADOS UNIDOS

embora e stas se envolvessem numa rigidez de expressão significativa. Na Grã-Bretanha e no Império Britânico, o triunfo de Roosevelt foi proclamado como se se tratasse duma vitória britânica. Nos países neutros foi geral a impressão de que a vitória de Roosevelt teria como consequência, mais ou menos próxima, a entrada dos Estados Unidos na guerra.

A América latina considerou o resultado da eleição como uma vitória para a política de «boa vizinhança» que o presidente tinha inaugurado com os resultados conhecidos.

O sr. Wilkie recebeu bem a sua derrota. Numa alocução radiofónica, que dirigiu à nação na noite de 11 de Novembro, pediu a formação duma minoria partidária, forte e construtiva, para agir como uma oposição leal durante os quatro anos do mandato de Roosevelt e apelou para os seus partidários para que pusessem de parte todos os ressentimentos e apoiassem Roosevelt na sua política de defesa nacional e dessem todo o apoio possível, dentro dos limites constitucionais, à política de auxílio à Grã-Bretanha.

A PERSONALIDADE DO PRESIDENTE

A personalidade de Franklin Delano Roosevelt é uma das mais vigorosas da história contemporânea dos Estados Unidos. O seu prestígio foi alcançado através de uma carreira política fértil em episódios desconcertantes, tendo todos, porém, um traço comum: a afirmação constante de uma vontade forte e de um carácter dominador.

Franklin Delano Roosevelt nasceu em 1882, em Hyde Park, descendente de uma família de origem holandesa que emigrara para a América nos meados do século XVII. Delano era o nome de sua mãe, que recordava essa origem. O presidente dos Estados Unidos era ainda aparentado com um dos seus mais ilustres antecessores, Teodoro Roosevelt, que deixara marcada de maneira notável a sua passagem pela suprema magistratura da nação americana. Franklin Roosevelt cursou Harvard, cujo curso terminou em 1900, e depois a universidade de Columbia, onde se formou em 1907.

Pouco depois de ter concluído a sua formação, entrou na vida política, filiando-se no partido democrático. Em 1910 era-lhe confiado o primeiro cargo de certa categoria e responsabilidade: senador do Estado de Nova York. Dois anos depois o seu nome começava a

adquirir certa celebridade por virtude do apoio caloroso que deu ao seu correligionário Woodrow Wilson, quando este apresentou a sua candidatura na eleição presidencial de 1902. Eleito o presidente Wilson, Roosevelt foi chamado a colaborar na Administração, sendo inicialmente nomeado sub-secretário do Estado para a marinha de guerra.

Desempenhou estas funções durante o período da guerra de 1914-1918. Nessa qualidade realizou duas viagens à Europa, a primeira em 1918 e a segunda em 1919, esta última com o encargo especial de superintender em todos os assuntos que se prendiam com a desmobilização das forças expedicionárias norte-americanas que se tinham batido no nosso continente contra os exércitos alemães.

Na eleição presidencial do ano seguinte, em que o partido democrático sofreu uma severa derrota, Roosevelt apresentou a sua candidatura ao lugar de vice-presidente da República, sofrendo a mesma sorte que os seus correligionários derrotados.

A partir d'êste momento resolveu abandonar temporariamente a política para se dedicar exclusivamente ao exercício da sua profissão de advogado. Ao mesmo tempo começou a dedicar uma parte da sua actividade aos assuntos comerciais e económicos, em que rapidamente conquistou um lugar de destaque. Foi durante êsse período da sua carreira que teve o ataque de paralisia infantil que o conservou imobilizado durante um longo período. A doença obrigou-o a realizar um esforço de vontade que o conduziu a uma cura por quação toda a gente julgada impossível.

Em 1928 regressou à actividade política, sendo nesse mesmo ano eleito governador do Estado de Nova-York, que é uma das mais importantes funções da política norte-americana. Em 1930 foi reeleito para o desempenho d'êste cargo, circunstância que era já uma indicação do seu nome para a suprema magistratura da nação.

Electivamente, em 1932, Roosevelt era eleito pela primeira vez presidente da República dos Estados Unidos, sendo reeleito sucessivamente em 1936 e em 1940, circunstância única na história da nação norte-americana, a qual bem demonstra o apêgo em que a sua acção é considerada por milhões de cidadãos norte-americanos.

(Continua)

Leite Materno

Não há nada que o substitua e todas as mães devem ter o orgulho de criar os seus filhos ao próprio seio

VITALOSE

Produto insistentemente recomendado pela Classe Médica, produz rápida abundância de leite, mesmo quando êste tenha faltado por completo.

GOSTO AGRAABILÍSSIMO.

EFEITOS IMEDIATOS.

A venda em todas as Farmácias

Prevenção: Rejeitar imediatamente, por falsificação, toda a embalagem de VITALOSE que não tenha esta etiqueta registrada, de garantia:





Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
7.15	WDJ	Todos os dias	39.7 m (7.565 mc/s)
7.15	WRCA	3.ª feira a Domingo	31.02 m (9.67 mc/s)
7.15	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
8.30	WRCA	3.ª feira a Sábado	31.02 m (9.67 mc/s)
8.30	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
18.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)
18.30	WRCA	Todos os dias	19.8 m (15.15 mc/s)
19.45	WGEA	2.ª feira a Sábado	19.56 m (15.33 mc/s)
21.30	WGEA	Todos os dias	19.56 m (15.33 mc/s)
21.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

B.B.C.

A VOZ DE LONDRES

fala

E O MUNDO ACREDITA

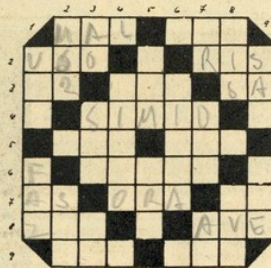
Emissões em LÍNGUA PORTUGUESA

Horas	Ondas curtas
10.45.....	{ 24.92 m. (12.04 mc/s) 19.76 m. (15.18 mc/s)
12.15.....	{ 24.92 m. (12.04 mc/s) 19.76 m. (15.18 mc/s) 13.86 m. (21.64 mc/s)
21.00 (*).....	{ 31.75 m. (9.45 mc/s) 40.98 m. (7.32 mc/s) 41.75 m. (7.18 mc/s)

(*) Estas emissões ouvem-se também em ondas médias de 261.1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 47



Gera. 2 — Maior; Não. 3 — Galhardia; Polo Austral; O lado do vento. 4 — Quimera. 5 — Benefício; Furor. 6 — Resmungo. 7 — Progredir; Pref. (designativo de «orelhas»); Abrev. de Antes de Cristo. 8 — Gemido (pl.); Nome de mulher. 9 — Vivacidade; Pronome pessoal.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 46

HORIZONTAIS: 1 — Eva; Ave. 2 — Grima; Prata. 3 — Rê; Os; Ar; Ir. 4 — Abalo; Rasco. 5 — Ora; São. 6 — Lua. 7 — Tempo. 8 — És; Al. 9 — Atira. 10 — Era. 11 — Sal; Dar. 12 — Vatar; Pesar. 13 — Er; Bi; Ut; Li. 14 — Meros; Aérea. 15 — Mar; Rim.

HORIZONTAIS: 1 — Desgraça; Estado atmosférico. 2 — Costume; Moças. 3 — Aliás; Aparece; Sua. 4 — Macaco. 5 — Direito; Isto. 6 — Secular. 7 — Proteges; Presentemente; Ele. 8 — Suavidade; Pássaro. 9 — Rala; Fétido.

VERTICAIS: 1 — Mau humor.

VERTICAIS: 1 — Grã; Vem. 2 — Erebo; Sarem. 3 — Vi; Ar; Ar; Rã. 4 — Amola; Labor. 5 — Aso; Ris. 6 — Tea. 7 — Leste. 8 — Um; Ir. 9 — Aparar. 10 — Ota. 11 — Par. Pua. 12 — Arras; Deter. 13 — Vã; Sa; As; Ri. 14 — Ético; Ralem. 15 — Aro; Ria.

SORRISO DAS QUINTAS-FEIRAS



Entre jornalistas:

— Fulano, agrediu-me pelas costas.
— Oh, homem! Se te agrediu pelas costas — faz de conta que não viste...

7 dias de teatro

JA lá vai uma boa dezena de anos que escrevínhamos em várias gazetas — e nomeadamente num semanário humorístico — acerca do nosso teatro e dos que nele procuraram dignificar uma profissão que tantos maus tratos tem levado pelos que só o olham como negócio.

Voltagamos — a instantes pedidos — à liça, Regressamos, mas desta vez com redobrada cautela, ao comentário do que vai por esses palcos, como se por esse tablado qualquer coisa de novo se haja passado... Tudo, julgamos, está na mesma — pelo menos na aparência.

Afastado, por contingências de trabalho, arredados andamos hoje das coisas cénicas. Mas, preguntamos a quem nos ler, o que há de novidade no teatro português, de há quinze, vinte anos a esta parte? Desenterrar «O homem das 5 horas», voltar a obrigá-lo a beliscar os que prevaticarem, os que não fazem da sua arte um culto, não é, neste agitado período da vida, tarefa fácil.

Seja como for, obedecendo a solicitação amiga, aqui estamos outra vez — para ressuscitar «O homem das 5 horas» — e aqui nos encontraremos todas as semanas, para conversar, para elogiar e para censurar os que mal-praticam essa arte que tão às claras vive e tão exposta está ao público.



Para quando?

Sim, para quando se reservará a realização duma «récita de recordação» das grandes figuras de teatro do nosso tempo?

Estão neste número — nomes ao acaso — Angela Pinto, Lucinda Simões, Virginia, Augusto Rosa, Brazão, Ferreira da Silva, José Ricardo, Chaby, etc.

Para quando, sim, para quando? Esperar-se-á que vão também para a cova os que os viram trabalhar?



O camartelo municipal — avestou-se — vai destruir o «Parque Mayer». E os teatros que lá existem — disseram — vão, como é óbvio, também desaparecer.

Ao pensar — se é que se pensou em tal — não se pensou, com certeza, nas dezenas de pessoas que ficariam desempregadas.

Não se deve pôr em prática um plano — por muito bom que seja — sem se olhar para os inconvenientes que muitas vezes surgem.

Mas — deve ser boato... e falso.

Os últimos "lançados às feras" no Coliseu ou como o mundo não marcha

De ARMANDO FERREIRA

UM dos espectáculos que mais movimentam a multidão é a abertura do Coliseu. Longe, sem dúvida, dos entusiasmos dos primeiros tempos, quando o «forum» se despojava

para que toda a cidade assistisse às exhibições dos «leões», ou às primeiras sessões de luta greco-romana. Com o andar dos tempos, os Cesares foram mudando de programa, apresentando outras variedades, mas o público por tradição, ou para esquecer, continuava a exigir «pão e circo».

Desde que Nero introduziu o mau costume de ser autor e empresário, tendo no Coliseu, no intervalo das lutas, os poemas que outros escreviam para ele assinar, o espectáculo predileto das multidões — o circo — tem sido adulterado, e hoje não há patricio que não vá desconfiado para o grande anfiteatro das Portas Santantonianas.

No entanto, vai. As notícias vagas e confusas das belicosas invasões dos bárbaros do norte, não o preocupam tanto como o gozo da felicidade que sobre o império fez cair o governo, de António. No forum — o Rossio — e por outras vias da urbe, andaram os escravos com tubas e pífanos a anunciar a abertura do Coliseu, e logo todos os cidadãos, com as respectivas matronas, filósofos e legionários, académicos e mercadores, gente do povo e artistas, procuradores e senadores municipais, efebos e estrangeiros, refugiados de outras terras — acolhidos à casa protectora da «pax» abençoada e que seguiam a prudente máxima «em Roma se romano» — dirigiam-se para o imenso edificio, destinado a fazer-nos crer que o «mundo não marcha». Na realidade, rotaram séculos e séculos e o espectáculo do coliseu é sempre o mesmo.

As vastas escadarias enchem-se de turba ruidosa. Nos degraus, outrora de pedra, hoje de madeira, sentam-se milhares de indivíduos, vindos das oficinas, de seus penates, com «peplums» de chita e «tunicas» de ganga. Do «atrium» saem para as bancadas e corredores, pequenos escravos a vender especiarias e relices que juntam o seu pregão — sandwiches ou pastéis — ao ruído do cidadão, ansioso por que comece o espectáculo. Muitos, olham para a parte superior do anfiteatro, por cima da entrada das feras, onde é o lugar reservado para César e a sua comitiva. A divina Vanise — a egípcia que toda a cidade conheceu outrora nas danças de fogo —

também não se avista. Alguns jovens mais impacientes metem os dedos à boca e vibram, mas os guardas pretorianos da esquadra de Santo Antão, olham-nos demoradamente a impor a ordem. Por fim, tudo se movimentou. Os músicos, numa espécie de estrado ou palco, iniciam uma melodia preliminar. César entrou já no seu camarote. A seu lado, a inseparável lira debaixo do braço, a barbeta branca da olimpico sátiro, Esculapius, segreda qualquer coisa ao ouvido de seu amo e senhor. Um liberto núbio, gordo e sorridente, parte em comissão. César relanceia o olhar pela multidão. César é bom. Tem um coração de pomba; exalta-se, grita, insulta mas só para desabaçar. Depois, é mais inocente que um efebo... É mesmo uma pomba quando as vestais dos coros, o abraçam e desafiam para orgias e bacanais. Para o povo é assim. Gosta de lhe dar espectáculos que o distraiam. Apenas tem um defeito, defeito que vem da tradição dos imperadores: gosta que aplaudam o seu talento. Quere ser posta, quere ser autor. E é tão fácil: todos os mentores da opinião, as gentes dos «papyrus» são seus amigos; tem-nos enchido de favores.

Assim vai pensando, enquanto o espectáculo decorre a jeito de pantomima da festa dos Dionísios. Há uma figura que fala, fala só, mas se ouve mal no extremo do anfiteatro, depois um coro; bailarinas em trajes exóticos, de muitas cores, e focos de luzes. O público procura compreender; parece um poema heróico-cómico mas é uma lenda. Há uma figura que serve de intérprete, bufónico, entre o público e o que os autores escreveram. Várias matronas, algumas veteranas, cantam, choramingam, dançam. Uma escrava, trazida da península hispânica nas primeiras invasões, esforça-se, atrai-se, esboga-se para conseguir que a libertem daquele martírio. Vários cativos cantam, dançam, sacrificam-se em holocausto ao amo e senhor.

O público prefere as antigas atrações do coliseu. E, como ouve mal ou não percebe as lições de moral e os ditos de espírito clássicos e tradicionais, protesta.

Então, César levanta-se e de alto fixa os recalcitrantes. A sua guarda pretoriana espalhada pela sala soergue meio corpo em busca dos disculos, César, com a mão fechada e o polegar estendido, vira-o para baixo, e o incrédulo admirador do seu talento poético e filosófico é lançado às feras. Os pretorianos oriundos da claque máxima, caem-lhe em cima e o seu corpo é arrastado para o cor-
(Continua na pag. 16)

Quais serão as «Efemérides» que o Xavier de Magalhães vai publicar quando a dita secção entrar no segundo ano da sua existência?

Voltará ao principio, ou as suas «Efemérides» não são tão completas como nós julgamos...



Assim como há quem junte artigos publicados em jornais e faça deles um livro, assim o escritor de teatro Fernando Santos vai juntar as suas «árabulas», publicadas quotidianamente no «Diário Popular», e vai fazer representar uma revista.



Há perguntas, em matéria de teatro, que ficam sem resposta — porque, julgamos não a têm, pelo menos, aceitável ou explicável.

Esta deve ser uma delas:

Qual o motivo porque se encontra vulgarmente sem trabalhar a actriz Aura Abranches?

Para a cena, não lhe conhecemos defeitos: é bonita, tem uma formosíssima voz, etc. Porque será?



Não sei se já se reparou num «efenomeno» curioso...

O teatro está morto, o teatro morreu — diz-se.

Mas qual a razão, então, porque as secções teatrais dos três verpetinos, são avidamente lidas e procuradas pelos leitores?



Os autores da revista «O Senhor da Pedra» — Nazaré, Barbosa e Avila — deviam tê-la intitulado «Há horas felizes».

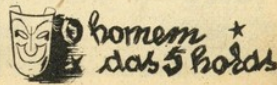
No Porto se conserva em cena há um ror de semanas e para Lisboa há-de vir, mas já com o nome de «Senhor de Pedra e Cal».



Os criticos de teatro dos jornais diários mantêm-se os mesmos — com ligeiras alterações — há quasi duas dezenas de anos.

Também há quasi esse tempo que os artistas são os mesmos...

Está, no final, tudo certo.



7 dias de Cinema

por Fernando Fragoso

DE todos os desportos americanos, o «base-ball» é o mais típico — para não dizer «o mais rático». Quando a Bárbara Stanwyck, em «Meet John Doe», buscava um «João Ninguém» que fosse cem por cento «yankee», teve a certeza de encontrar o que pretendia na pessoa de Gary Cooper, ao ouvi-lo declinar a qualidade de ex-jogador de «base-ball». E rematava deslumbrada: «Bravo! Se jogou o «base-ball» — é um americano de genu!».

Pela minha parte, nunca vi jogo aparentemente mais insípido, menos espectacular e com tão pobres aspectos na luta de competição. Sempre que na tela surgiram aqueles homens, fardados de vendedor de esquimó, com luvas de sinaleiro e boné de estudante inglês, aborreci-me mortalmente. E a razão explica-se: em quasi todos os outros desportos se percebe, por simples golpe de vista, quem são os contendores, quais os «campos» que respectivamente lhes cabe guardar, como e quando se marcam os pontos ou os tentos, que fazem o resultado. No «base-ball», tudo isso se nos apresenta nebuloso: há um homem que atira uma bola, outro que lhe dá uma cacetada no ar, para, logo a seguir, abandonar a «raquette» em embrião e desatar a correr atrás dum contendor invisível... E, em regra, termina o percurso estatelado no meio do chão, a dois passos da câmara, em «gros-plan» — numa nuvem de poeira. O público aplaude, delirante — e nós, latinos, que conhecemos apenas «como se joga o «base-ball» através da «tela», que-

damos-nos indiferentes perante o lance e não participamos do entusiasmo da multidão.

Estas considerações não são tão inoportunas quanto parecem, porque pesam no julgamento do grande público, em face da película que nos conta a vida de Lou Gehrig, «o orgulho dos yankees», no desporto favorito dos Estados Unidos. Se se tratasse, por exemplo, do «foot-ball» — o caso era diferente. Lou Gehrig, na sua encarnação de ídolo popular, apareceria com mais poder convincente ante as nossas plateias — onde se contam pessoas que não esqueceram Pepe, o «pequeno-grande jogador de Amsterdã», e lhe prestam homenagem sentida na romagem que todos os anos o leva junto do túmulo ou do monumento votivo. E se ainda de «foot-ball» se tratasse, ao espectáculo da tela aliar-se-ia o atractivo poderoso de evocar toda a grandeza e emoção dum espectáculo desportivo, que apaixonava as multidões.

Daqui se conclue que o «Ídolo» poderá levar ao rubro as plateias americanas. Mas não arrebatará por certo o público dos cinemas latinos! O êxito do filme está ligado intimamente à própria essência do desporto, que constitue o fundo da acção.

Sob o ponto de vista cinematográfico, há que elogiar, sem reservas, o admirável trabalho de Sam Wood e dos seus colaboradores. O «Ídolo» é o digno continuador da obra dum criador de espectáculos que parece ter-se especializado em escrever biografias no celuloide.

Mister Chips, Kitty Foyle e Lou Gerigh — são outras tantas personagens evocadas por Sam Wood, no jeito romântico e saudosista que o define. Um professor, uma empregada igual a tantas outras, e um desportista — três figuras que, à primeira vista, parecem não ter drama, nem «conteúdo» humano, erguem-se perante nós em toda a sua projecção, por milagre da técnica, pelo sentido com que o realizador nos transmite a vibração das próprias personalidades.

O «Ídolo» é o poema da vida dum simples. Dum homem puro e são, que a glória não perdeu. E Gary Cooper, que desde «Mr. Deeds goes to town» (Doido com juízo) vem encarnando personagens no mesmo género, ergue a toda a altura do seu talento o drama íntimo do homem que sonha com a glória, a alcança — e renuncia a ela, por fim, com a serenidade de quem segue uma trajectória previamente indicada.

No momento em que se cura, e muito bem, de incutir no espírito dos nossos desportistas a idéia do «desporto pelo desporto», o «Ídolo» tem o valor dum documento — e dum lição. Tanto basta pois — e porque dum notável película se trata — para lhe conferirmos um lugar à parte entre as fitas estreadas ultimamente.

* * *

«Aconteceu em Xangai» — mas não voltará a acontecer, agora que

as Nações Unidas renunciaram aos direitos territoriais que usufruíam na velha China. De futuro, a «Mamã» Gin Sling, para se vingar do sedutor europeu, não terá mais de que chamá-lo aos tribunais... No tempo em que se passa esta história, as circunstâncias eram outras. Tio Sam e John Bull disfrutavam de «munidades especiais», e a maquiavélica Gin, chamando a si a tradicional paciência chinesa, esperou toda uma vida pela hora da desforra, feita à custa da desgraça da filha do homem que a abandonara — desforra que lhe foi fatal, porque não sabia que a mulher que descia, pela sua mão, degrau a degrau, a escada da miséria e do vício, era carne da sua carne, sangue do seu sangue... Fora do cinema, e em circunstâncias dramáticas análogas, a dúvida surge, quasi sempre, sob outro aspecto: ignora-se quem é o pai... Mas, desta vez, mãe e filha, face a face, julgam ser duas estranhas. E quando chega à hora da revelação, a última abate a mulher que a deu ao mundo e a perdeu, com três tiros certeiros... Um drama completo — com molho do Celeste Império!

Disse um crítico inglês que «Aconteceu em Xangai» é a melhor auto-caricatura que o cinema nos tem dado. Nenhum filme teria conseguido, tão poderosamente, condensar as qualidades e defeitos que caracterizam o estilo do seu realizador! Este «Shangai Gesture» é de ponta a ponta, Sternberg do melhor — e do pior. Excelente — na composição dos tipos, na pintura dos costumes, na evocação dos ambientes... Desagradável — na pormenorização excessiva dos episódios, no lento rolar da acção, na opressiva volúpia de insistir nos aspectos cruéis da vida.

Dentro da casa da «Mãe» Gin Sling respira-se com dificuldade. Há um ambiente intenso do dramatismo — um ambiente, pesado e morno, de cortar à faca. A vasa humana gira em torvelinho naquele cenário prodigioso — um poço, com a mesa de jogo no fundo, abismo que atraí os que nele se debruçam. E que gente aquela! Perversão, crueldade, cinismo — todo um tratado de patologia humana, animado por intérpretes magníficos: Gene Tierney, Ona Munson, Walter Huston, Victor Mature, etc.

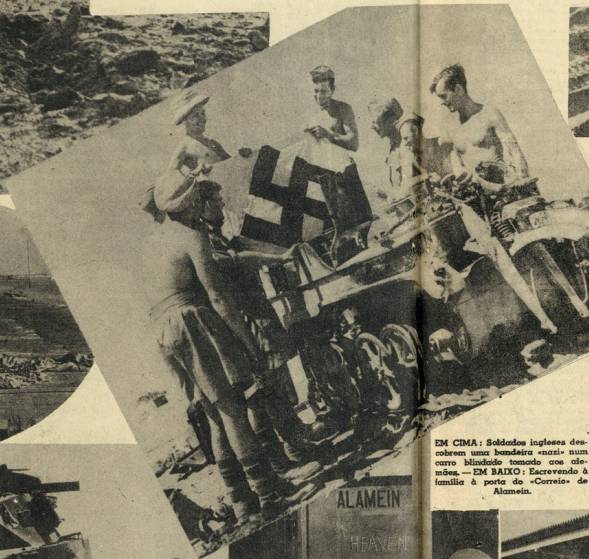
Os cinefilos que gostam de ver o cinema revelar o que se esconde por detrás das máscaras — não deverão perder este filme. É o documentário animado dum paisagem humana, que poderia ter sido arrancada às páginas dos romances de Dekobra — fauna inquietante e longínqua, aprisionada em Xangai, onde a história, que o filme nos conta, aconteceu...



Gary Cooper e Teresa Wright, numa cena de «O Idolo» — filme onde o notável artista interpreta a figura do jogador de «base-ball» Lou Gehrig, o «orgulho dos yankees».

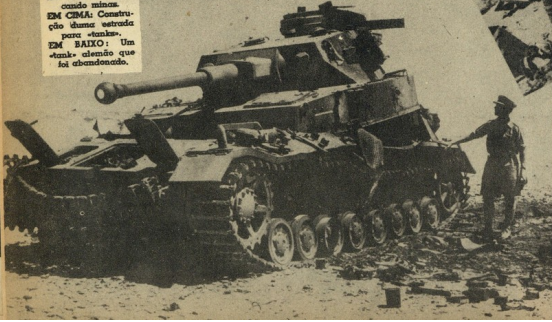


ASSIM COMEÇOU A OFENSIVA BRITÂNICA NO EGÍPTO



AO ALTO: Colocando minas.
EM CIMA: Construção de uma estrada para «tanques».
EM BAIXO: Um «tank» alemão que foi abandonado.

EM CIMA: Soldados ingleses descobrem uma bomba suíça num campo minado tomado aos alemães. — EM BAIXO: Escrevendo à família à porta do «Correio» de Alamein.



EM CIMA: «Passadeiras» para os carros blindados poderem andar no deserto. — AO CENTRO: O general Alexander e o seu Estado-Maior observando o progresso das suas unidades. EM BAIXO: Prisioneiros italianos chegando ao Cairo em comboio de ferro.

A DÚVIDA

* Uma novela de Victor Colação *

FUGI! A pressa, meti numa mala meia dúzia de coisas indispensáveis, arrebatadamente, como no pânico duma pessoa perseguida, e enfiei-me, ao acaso, num combóio. Agora, estou num lugar desconhecido e há pó na minha roupa e nos meus olhos. Da viagem, nada ficou nos meus olhos, senão este pó, que mos faz arder: nem paisagem, nem a obsessão dum rosto que tivesse vindo em frente do meu, todo o caminho. Apenas, na minha carne, continua o trepidar do combóio e a minha sensibilidade está ainda arrepiada dos apitos da locomotiva. Só isto me lembra a viagem—isto e a estranheza de ver-me aqui, nesta cidade que não conheço, calcinada por um sol tão quente como eu supunha que fôsse o que esbrazeia as longas areias dos desertos.

Que desgraça, meu Deus! E pensar que tudo podia não ser assim, que tudo podia ser deliciosamente diferente, se não fôsse aquela desditosa queda, que está lá longe, no princípio da minha infância... Irremediável! Irremediável Ah! Sim! Eu digo-vos: sou corcunda.

Havia, na minha casa, quando eu tinha dois ou três anos, uma escada de ferro, que descia para o quintal e, em cima, exactamente para prevenir as contingências da minha inexperiente e descautelada traquinice, a minha mãe mandara fazer uma pequena cancela, de madeira, que estava sempre fechada. Mas um dia, por desmazelo, alguém a deixou aberta e eu quiz descer e caí, quebrando a espinha nas duras arestas dos degraus. Levaram-me, então, ao médico, espalmaram-me em aparelhos de gesso, mas nada pôde evitar esta fatalidade: fiquei corcunda, sou corcunda.

E, agora, aqui estou, numa cidade desconhecida, a ver o contorno monstruoso do meu perfil, projectado, na parede branca, por este sol que é quente e luminoso como o sol dos desertos. Abandoniei a família e o emprego, abandonei tudo e segui a impulsão desvairada do meu desespero. E a família, afinal, até há-de ficar satisfeita por ver a casa limpa desta hediondez que é a minha presença. No entanto, terei eu feito mal em fugir? Mal porquê? O que é que pode acontecer-me? Todos ponderam o caso de morte, não só como a última, mas, também, como a pior das fatalidades—e eu desejo a morte. Desejo-a ardentemente, com o desesperado impulso da veemência, porque só nela me igualarei aos outros. Na mesma cizna, no mesmo nada... Ah! Se eu tivesse a coragem de acabar com isto... Meu Deus! Porque me não dementas? Porquê esta obstinação em ser coerente e lúcido?

Em frente dos meus, milagrosamente presentes, os olhos dela continuam a olhar-me: negros, líquidos, extravasando ternura... Que louco! O que eles exprimem não é ternura: é o horror contido de seguirem o contorno sinuoso e ridículo do meu perfil. E foi por isso que eu fugi, exactamente porque não podia definir o sentimento que humedecia os seus olhos negros deliciosos, problemáticos... E tive medo, tive medo de voltar, naquêlo dia, e sentilos para sempre perdidos... E, en-

Há três anos, eu consegui um emprego numa casa comercial, que tem várias sucursais disseminadas pela cidade. Por causa do meu defeito, isso constituiu, até, uma tarefa bem difícil e dolorosa. Empenhou-se, no caso, um amigo do meu falecido pai, que enfunou os meus méritos, com o sópro da sua palavra exagerada, junto daquêlo que seria, mais tarde, o meu patrão, mas, apesar de tudo, a minha bossa anulava o peso e o lustre das credenciais. O santo homem só queria, na sua casa, pes-

concentrado, com uma conversa lenta e monótona, embebida de bom senso e prudência. E tratava-me, tal qual, como se não houvesse, em mim, aquêlo horrível defeito. Foi, talvez, a primeira pessoa que não se pôs, para comigo, naquela atitude de protecção instintiva e desagradável, que todos usam no trato com aleijados, lembrando-lhes, dessa forma, as incapacidades e deficiências e vincando a distância a que se encontram do nível normal dos demais. E olhava-me, cara a cara, sem entornar o interesse das pupilas pela lomba monstruosa das minhas costas, como faziam os outros, na apreciação doentia do defeito. Desde pequeno, êsse costumeado olhar de apreciação, que me indignava, tinha mesmo originado e desenvolvido uma espécie de sensibilidade dolorosa, na região torturada da minha bossa. De cada vez que eu surpreendia, em alguém, êsse resvalar de pupilas, era como se sofresse o golpe súbito duma vergastada. E êle tinha a rara delicadeza de me evitar essa tortura atroz e foi por tudo isso que eu sofri, quando êle me anunciou, ainda com reticências de dúvida, que para o mês seguinte, possivelmente, o patrão o transferiria para outro lugar, mais importante e mais bem pago. É claro que estimei o prosperar da sua vida, mas de maneira nenhuma me sentia feliz por o levarem dali. Havia, entre nós, o convívio, delicado e diário, de mais de dois anos e eu receava que outro qualquer o não pudesse substituir completamente. Sobre tudo, no meu caso, havia uma longa e dolorosa experiência, a fundamentar o receio. Mas, no último dia do mês, precisamente, o patrão telefonou, a pedir-lhe que passasse pelo escritório, à hora do almoço. E, de regresso, êle entrou alvorçado na nossa sucursal.

— Sempre é certo! — gritou-me, da porta, com um entusiasmo que o projectava para além da contida e moderada atitude dos outros dias. E, já de dentro do balcão, contou-me que passaria a ganhar mais cem escudos e disse-me que viria uma rapariga substituí-lo. E falou, falou... Pôs em discurso directo a conversa do patrão e via-se que o embevecia a maneira benevolente como êle lhe falara, dispensando-lhe a consideração e o interesse que se dispensam a um amigo. E, ao outro dia, repisava, viria uma rapariga substituí-lo.

Isto foi há três meses—só há três meses. Mas êstes noventa dias, de então para cá, encheram de tal maneira o meu espírito, que se me afigura representarem toda a minha vida. Só com esforço me certifico duma existência anterior. Há três meses, eu estava na véspera de conhecê-la, e, agora, três meses transcorridos, já ela entrou no meu passado—começou a afastar-se de mim, no tempo, e vai coberta pelo



tão, corri a meter-me no maldito combóio, que aqui me trouxe, embalado na sua galopada trepidante e sonora. Para quê? Para quê? Os olhos dela não me deixam. Vieram dentro de mim, na embalagem da minha memória obsecada, e continuam a olhar-me com aquela expressão a que, no meu sonho, eu chamava ternura. Mas esperem: eu queria contar-lhes esta miserável desgraça e, afinal, estou misturando tudo. Vamos lá; comecemos pelo princípio.

soas escorreatas. Afigurava-se-lhe que o volume de vendas seria, fatalmente, diminuído, pelo facto de atirar com o grotesco da minha figura de encontro ao sentido estético das multidões. Mas, finalmente, o poder dialético do meu protector logrou vencer o seu obstinado receio e os seus escrúpulos e eu fui admitido e destacado para uma desuas sucursais, onde trabalhava de colaboração com um colega, mais antigo. E tudo foi muito bem. Este colega era um individuo

manto da minha imperecível saudade. E é isto que me enlouquece. Eu não suporto este estado de alma. Não suporto!

Bem. Ao fechar a loja, o meu colega foi gentil e efusivo. Abraçou o meu tronco espesso, quasi comovido, e desejou-me todas as felicidades possíveis, notando maliciosamente, que ficaria bem substituído. Acompanhei-o até ao fundo da rua e, ai, despedimo-nos de novo, como se algum de nós fosse partir para um recanto longínquo. Depois fiquei só, na rua movimentada. Começava a entardecer e a melancolia do crepúsculo estava impregnada de todos os perfumes da primavera. Eu sentia-me incomodado, vagamente, por um nervosismo indefinido. Pouco a pouco, ia-me dominando uma angústia lenta e persistente e eu preguntava, a mim próprio, a sua razão de ser. Bem — pensei — vamos ver que tal me dou com a colega, vamos ver... E, então, achei que era daqui que me vinha o nervosismo e a angústia. Na verdade, o meu defeito fizera que eu evitasse sempre o convívio de mulheres, deprimido pela consciência da minha figura, e agora assaltava-me o receio de ficar pateta de timidez ao lado dessa rapariga. Mas não — prometi — reagiria.

Entrei num «Café» e engraxei os sapatos. A seguir, fui para casa. Escolhi meticulosamente uma gravata e puz de lado uma camisa, para o dia seguinte. E, enquanto me deitava, desejei: Deus queira que ela seja feita. Custou-me a adormecer. O meu nervosismo ia crescendo, ia tomando as proporções duma grande preocupação. Como seria ela? Como seria? E a fantasia, excitada, debandava-me o sono. Imaginava todas as figuras possíveis de mulher, tentando inutilmente encontrar a dela. Como seria? E, mesmo dormindo, o meu espírito continuou pela noite adiante, a preocupar-se com isto.

Acordei mal disposto e doente, no dia seguinte. E, ao sair de casa, notei, com desagrado, que me tinha, nessa manhã, barbeado com mais esmero e, sobretudo, que não era dia em que fosse habitual eu mudar de camisa. Na escolha da gravata, houvera, também, um encoberto e confuso propósito.

— Ainda se tu pudesses alijar a bossa... — torturei-me a mim próprio.

E, pelo caminho, em todas as raparigas que andavam passos paralelos aos meus, eu imaginava a sua presença desconhecida. Interrogava-as, a todas, com os meus olhos ansiosos e desesperava-me o não poder azer a mais leve ideia de como ela fosse. Porque não queria que ela fosse bonita. Tinha medo...

Faltavam cinco minutos para as nove quando cheguei à loja. Abri as portas, corri a fôlha ondulada das vitrines e passei, depois, para o lado de dentro do balcão, apoiando-me a ele, numa atitude de pretendida indiferença. Mas não estive assim muito tempo. O meu nervosismo não me permitia atitudes repousantes e comeci a andar dum lado para o outro, no passo inquieto das pernas enjauladas. Eu supunha que devia já passar das nove horas, mas não queria olhar o relógio. Andava... de manhã os frequezes eram raros e, por conseguinte, ninguém interrompia o meu passear nervoso. De repente, porém, ouvi que alguém entrava e percebi um vulto, andando na minha direcção. E digo «percebi» porque, na realidade, eu não olhei directamente. Senti que era ela, pois essa certeza penetrou, misteriosamente,

no meu espírito, abortando quais quer outras probabilidades, mas, até ao último momento, evitei encarar-lá, tímido e medroso. Finalmente, soou a sua voz, chamando-me a atenção: — Faz-me o favor?... — e eu tive que decidir-me: olhei-a. Meu Deus, como era linda. A esperança ansiosa, posta, por mim, na sua possível fealdade, aluiu irremediavelmente, perante o deslumbramento que era o seu sorriso.

— Faz-me o favor?... —

E, a sorrir, ela punha em cena os dentes alinhados e duma brancura leitosa e cintilante. A pungir-lhe, delicadamente, o lábio superior, tinha uma lanugem débil, sedosa, que o sombreava duma mancha encantadora e delgadinha de doce penumbra. O cabelo era dum negro espesso e luminoso — moldura de luxo, adequada ao quadro perfeito do seu rosto moreno. E, em toda ela, por assim dizer, havia fulgor; desprendia-se, dela toda, a irradiação duma espécie de luz, que, iluminava, suavemente, a minha alma, como um luar suavíssimo.

Quedei a olhá-la, num pasmo embevecido. Percebia que estava sendo inconveniente e ridículo e queria dizer qualquer coisa, proceder normalmente, mas o poder calmo da sua irradiante beleza podia mais que todas as minhas forças. E ouvia-a, sem um gesto. Ela apresentou-se: chamava-se Maria Luiza. Disse que vinha transferida duma outra sucursal e que tinha esperanças de me não dar muito trabalho. Bastava eu ensinar-lhe o arredo das coisas. E dizia tudo isto sorrindo, num sorriso desocupado e feliz que era o mais belo de todos os sorrisos do mundo. Depois, calou-se. Começava a ficar incomodada pelo meu longo mutismo e pela minha imobilidade e, então, senti, como uma necessidade imperiosa e urgente, que era preciso evadir-me deste deslumbramento. E, num esforço de toda a minha vontade, reentrei em mim. Murmurei qualquer coisa, sumidamente, e levantei a porta do balcão, dando-lhe entrada.

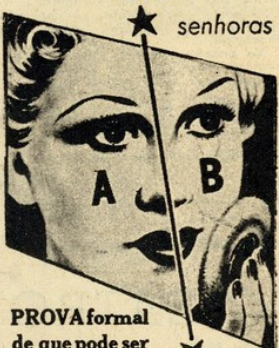
Ao cabo de um instante, notei que toda a casa tinha sido invadida pelo seu delicado perfume e isto trouxe-me uma emoção desacomumada e perturbante. «Odor de feminina» — pensei. E senti que, nisto, havia alguma coisa de confuso e de inédito para mim. No meu espírito, como na minha carne, eu percebia sensações novas, que defino como um estado de lenta voluptuosidade. Quasi de repente, senti-me penetrado duma languidez suave e morna, que era o retardador de toda a minha energia.

Por indicação minha, ela tinha desaparecido, num cubículo anexo, afim de despir o casaco e de envergar a bata preta do serviço. E, neste interim, eu quiz analisá-la, de memória, mas verifiquei que não era capaz de compor a sua figura. Os detalhes que dei, atrás, não foram decorados neste primeiro exame, se bem que eu me tivesse abismado na sua contemplação: fixei-o e depois, durante estes três meses que acabaram hoje. No primeiro momento fiquei ofuscado pela sua estranha fulguração e isso impediu-me de a particularizar, numa observação cuidada, pormenor por pormenor. E enquanto ela estava vestindo a bata, no cubículo, surpreendi em mim a mais absoluta ignorância das suas características físicas e senti-me agulhoado por pequeninas e agudas curiosidades. O

nariz, por exemplo: como seria o nariz dela? E a boca? E os olhos? Eu estivera olhando-a, durante minutos, e a verdade é que não fixara nenhuma destas encantadoras coisas. Positivamente, não a tinha visto e é por isso que me obstino na ideia de que se desprendia dela uma espécie de ofuscante claridade — uma auréola que os meus olhos não logravam trespassar. Mas, depois, pelo viver dos dias seguintes, comeci a poder vê-la, e, então, fui avançando sempre no sentido dum deslumbramento cada vez maior. As palavras do seu nome ganharam expressão no meu espírito e, ao pronunciá-las, eu encontrava-lhes as sonoridades duma bela poesia, que falasse de amor. E parecia que nas minhas veias corria um sangue novo. Era como se eu fosse um cego de nascença e, de repente, pela maravilha dum milagre, jorrasse a luz nas minhas trevas inatas, com a revelação das cores e das formas. Tudo eu me sentia renovado, diverso. E, depois, estávamos decididamente na primavera... Os dias eram maiores, quentes e claros, e o entardecer sobrevinha com lentidão

ESTRANHA EXPERIENCIA COM PÓ DE ARROZ

que causa a admiração de 10.000



PROVA formal de que pode ser mais bonita

Faça esta EXPERIENCIA Hoje

Uma descoberta recente e extraordinária na preparação do pó de arroz... Um novo ingrediente maravilhoso que embeleza a pele dando-lhe nova frescura e encanto. Torna as peles, cansadas e sem viço, novamente aderentes, mesmo debaixo de chuva e vento e a despeito da transpiração. Acaba com o brilho do nariz. Este ingrediente, registado, chama-se Mousse de Crème». Só existe no pó de arroz Tokalon.

Uma oferta verdadeiramente sensacional

Aplique numa das faces o Pó Tokalon, contendo «Mousse de Crème», e na outra um pó de arroz vulgar. Se a face empoada com a «Mousse de Crème» não parecer mais fresca, mais jovem e mais linda do que a outra, devolver-lhe-mos integralmente o custo do seu Pó de Arroz Tokalon.

A venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva para o Depósito Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

suave, que encontrava, no meu peito, um reflexo da sua branda doçura. Mesmo em casa, a família des preocupada comigo, achava-me diferente, mais jovial e mais simples — menos fechado no horror solitário da minha crúrcuda. E a loja, aquela coisa incansavelmente monótona, atraí-me, agora, com uma força irresistível e meiga, que não era, por certo, a força do dever. Não, não era... Eu amava-a. Percebi-o, injulidamente, de uma vez que um rapaz simpático chegou ao balcão, esfuziante e sonoro, e a tratou por tu, numa longa conversa, familiar e risonha. E ela correspondia com a mesma intimidade e os mesmos risos. Eu queria fazer de indiferente e andava de um lado para o outro, azafamado, no pretexto de súbitos arrumos, mas, na verdade, não perdia nem uma das palavras que eles diziam. A despeito de querê-los apagados e alheios, os meus olhos fuzilavam-no, a ele, como duas bocas de carabina. E, dentro de mim era tudo raiva e sofrimento. O louco ciúme esbravejava, no meu peito como um touro ferido, numa arena. Eu amava-a! Pois bem: fiquei aterrado.

O optimismo que vinha sentindo e que amenisara o meu horror do mundo, tinha inconciente origem nela — na sua presença perfumada e suavíssima, na macieza incomparável e fluida dos seus olhos negros. Mas eu nunca me tinha interrogado e não sabia que a amava. A sua doçura derramara-se, sobrepontemente, muito no âmago do meu ser e era como um sonho delicioso, que influenciava toda a minha vida, mas tão íntimo e clandestino que o não tocara nunca a minha fria compreensão. E eis que de repente, o ciúme, o horrível ciúme, pegou neste sonho e trouxe-o, de rojos, à luz da consciência, dando-lhe a cor viva e crua duma certeza, exposta ao doloroso convívio da realidade. E a realidade era tremenda — tremenda! Ali estava aquele rapaz a personificá-la: que podia eu contra a sua desenvoltura? Mais tarde, eu soube da inocência das suas relações; e do que havia de pueril na intimidade do tratamento, mas isso não suavizou, em nada, o meu receoso e permanente ciúme. Excluída a meia dúzia dos meus semelhantes, todos tinham direito evidente à sua preferência. De todos os homens, eu era o último que podia merecê-la — o último! Inteligência? Espírito? Mas quem iria sobrepor essas vagas coisas à realidade gritante do meu defeito? E, além disso, a própria inferioridade física tornava-me tímido ao ponto de parecer lórpa e ser ridículo. E até, mesmo, que eu lograsse resplandecer de dotes intelectuais e morais, haveria sempre outros que, simultaneamente, fossem escoreitos e tão inteligentes como eu. Eu era o último que podia merecê-la. Dolorosa certeza! E tudo porque? Porque, há vinte e três anos, houve alguém que não fechou uma cancela que devia ter fechado. Que simples, que simples...

Mas ouçam: eu tenho de mim próprio uma ideia horriporada e, a despeito disso, paradoxalmente, agarrei-me à esperança de poder ser amado por ela. É claro que nenhum raciocínio justificava ou fortalecia este optimismo vago, nem ele tinha o impulso de se me mostrar duma forma decidida e clara, Mas, existia — subterraneamente, confusamente... As vezes, era tão suave o negro veludo dos olhos dela... Tão suave... E eu lia, na luminosa humidade desse olhar, como que a feliz e velada promessa duma cândida ternura. Mas era tudo imaginação mi-

(Continua na pág. 22)

FORMAS EXTERIORES, MOVIMENTOS E CARÁCTER

POR CLOTILDE RANDI

Já em artigos anteriores lancei o esboço de alguns dos atributos que fazem da grafó-psicologia uma ciência moderna. E talvez seja interessante desenvolver aqui um pouco essas questões mal entrevistadas, para as tornar mais eloquentes.

Todos nós podemos verificar, quanto ao nosso aspecto exterior, a existência duma forma estável e duma outra, fugidia — a única — difícil de reter pelo observador mesmo avisado. A conformação exterior do corpo, apresenta-se sob várias formas de gordos, magros, retraídos, dilatados, aspectos a que correspondem, géstos, tendências, graus de inteligência e vontade, não apenas variáveis com os diferentes indivíduos, mas cujos matizes cabem agrupados nas linhas gerais de cada um dos tipos morfológicos.

Quanto à mimica, irradia e muda apressadamente. Basta observarmos duas pessoas no decurso duma conversa para notarmos que a fisionomia se altera a cada instante: as mãos traçam no espaço curvas e ângulos, movimentos centrípetos e centrífugos, elaborados por um impulso interior animoso, gestos controláveis e classificáveis, apesar da sua aparente disparidade. Os gestos suaves, acariciadores, correspondem (para darmos alguns exemplos) a pessoas de temperamento afectuoso; gestos bruscos, sacudidos, denunciam de longe as constituições nervosas.

Esta variedade de gestos corporais é accionada pela mesma causa que dirige a mão no acto de escrever, dando forma individual à letra, ou melhor, determinando o traçado da escrita, que também são movimentos, que são gestos. Estes movimentos gráficos classificam-se, então, melhor e, assim, como vemos, em escritas altas, baixas, pequenas, grandes, rápidas,

lentas, lançadas, pausadas, também observamos gestos corporais flegmáticos, sacudidos, arredondados; mas nas escritas perfeitamente registadas e de classificação metódica. Do seu estudo, os caracteres são logicamente controláveis e, pela escrita, se pode, por esse facto, saber quem são os gananciosos e os desinteressados, os modestos e os vaidosos, os francos e os mentirosos, os emotivos e os plácidos, os orgulhosos e os humildes, os sociáveis e os insociáveis, os «virados do avesso» e os «metidos só e sempre consigo», etc., etc. Informações mais complexas como a bondade, a ironicidade, a vontade, igualmente se conhecem, mediante resultantes de dados psicológicos mais simples, como acima se descrevem.

Em suma, a escrita é um registo da personalidade humana psicológica, como um electro-cardiograma é um registo do ritmo fisiológico do coração.

Diz-me como escreves...



CONSULTÓRIO PSICO-GRÁFOLOGICO

Para os leitores de «Vida Mundial Ilustrada», iniciámos este consultório. Assim podem enviar-nos espécimes de escritas para análise, acompanhados da rubrica ou assinatura e dum pseudónimo.

Publicaremos a resposta gratuitamente, que será rápida e concisa.

Resposta desenvolvida, só por intermédio do Instituto Grafológico Português.

No próximo número desta revista começaremos a publicar as respostas às primeiras cartas recebidas.

Análises psico-grafológicas para conhecimento de si mesmo e dos outros.

Peça informações ao Instituto Grafológico Português,

Rua Chaby Pinheira, 23, 2.º. Esq. — Lisboa.

7 DIAS DE TEATRO

(Conclusão da pág. 9)

redor junto ao proscénio onde lhe é ministrada uma dose de cheiro de amoníaco cavalgar para acabar com o sofrimento.

No entanto, prossegue a pantomima. César pergunta a Esculápius:

— Achas que eles não saberão admirar o meu estro?

— São umas bestas, meu senhor. Uns invejosos. Há lá quem resista a esta vossa inspiração divina...

E realmente ouve-se cantar:

Bacalhau com batatas, com batatas...
com batatas, com batatas...

Novo borbórinho. Há outro cidadão que protesta; naturalmente preferia ver elefantes ou tigres de Bengala! César põe o dedo para baixo, e os pretorianos entregam-no ao carrasco para lhe acabar a existência — applicando-lhe dez minutos de alto-falantes...

* * *

Foi uma noite dolorosa, cheia de incidentes. E à meia noite, encostado à balaustrada do seu camarote, César contempla a sua obra: «O mundo envolta em lacha-

redas! A Europa, o Oriente, a América, todo o mundo a arder! A destruição de tudo quanto existe!» Oh! sim, eis um assunto para inspiração, Petrónio, ó perdão, enganei-me: Esculápius? Diz-me, eles perceberão a minha musa, a Beleza, a Graça, o Espírito da minha obra?

— Eles são umas bestas, meu senhor. Mas nós tanto havemos de dizer que a nossa, digo, a vossa obra é genial, que eles não-de acreditar! Eu vou já escrever um grande réclame; quereis ouvir? «O que é preciso é construir, educar, cantar as belezas da nossa terra, o bem estar do nosso povo, a felicidade da nossa Pátria e procurar fazer melhor e sempre melhor para que tudo possa melhorar...»

César, cantarolando:

Bacalhau com batatas, com batatas...
com batatas, com batatas...

— Ah, meu senhor, se não tivéssemos no século II antes de Cristo, não poderíamos ser dois grandes homens do futuro!!!
E uma grande sombra envolveu o Coliseu.

CARTA BRANCA

A MULHER E O PUDOR

por José Ribetto dos Santos

Meu caro:

CREIO que era você, noutro dia, que falava contra as convenções com furor verdadeiramente iracundo, como se tivesse feito uma autêntica descoberta. Você, realmente, tem, razão. Mas a razão que você tem é uma razão que não vale a pena, uma razão destas de encolher os ombros no ar de quem diz que tenha paciência... A maior de todas as convenções é a moda, a que nos sujeitamos, tanto quanto possível humildemente: homens e mulheres. Mas deixemos às mulheres o cuidado de dizer mal de nós — que elas chegarão bem para a tarefa... — e vamos nós entretendo o tempo, não direi que a dizer mal delas, que isso seria impróprio de nós, pessoas de espírito

naturalmente elegantíssimo, mas apenas a divagar por alguns comentários em que elas possam servir de tema...

Nisto de modas, a mulher é de uma submissão que é o único meio que elas têm de se sentir felizes. Mas, por muito estranho que isto pareça, o pudor, que é um instinto ou pelo menos como tal se costuma contar, tem como que flutuações, como que oscilações em relação com a moda. O pudor feminino, hoje, não é o mesmo de há vinte anos, nem o de há meio século, nem o de há três séculos. Não é o mesmo em qualidade — nem em quantidade... Será mais, será menos? Não importa. Principalmente, é diferente. Não faltará, entretanto, quem diga que nesse capítulo, como aliás em todos os outros, tudo está muito pior. Por certo, serão e terão sido de todos os tempos os respeitabilíssimos catões que sentenciam:

— Quando é que se viu um desafêro assim? No meu tempo...

Eles têm razão, coitados. Simplesmente se esquecem de que, no tempo deles, o desafio era outro... Onde é que está hoje alguém capaz de admitir que uma mulher nesta se apresentasse decotada no peito como se mostram, em toda a sua exuberância, as mais formosas «madonas» da pintura italiana? Ou aquela beldade elegantíssima do «Chapéu de palha», de Rubens? Seria o escândalo, o conselho de guerra dos severos pais de família, talvez mesmo a policia... Hoje, a mulher oculta pudicamente os segredos da curva harmoniosa do seu peito. Em compensação, descobre tranquilamente a não menos harmoniosa curva da sua perna, com um â vontade que quasi nenhum espanto causa — mas que seria o escândalo, o olhar repreensivo, talvez mesmo a policia, aqui há trinta ou quarenta anos...

Isto é, o pudor é relativo, é convencional, está na dependência da moda e nas consequências da época. E o pudor traz consigo, nas mesmas preocupações e na mesma medida, mas talvez na razão inversa, a «coquetterie». Parece que uma coisa deveria excluir a outra. Mas não. Em boa verdade, pudor e «coquetterie» andam a par — e dir-se-ia que ambos esses sentimentos são igualmente oscilantes. Nos tempos que vão correndo, todo o garbo das elegantes parece ter-se-lhes refugiado nos pés, que é de moda mostrar o mais possível nus e tão tratados, polidos e rosados como nós.

Isto é, a «coquetterie» desceu o mais baixo que era possível: até aos pés... E uma unha bem refulgente de vermelho, irrompendo da ponta do sapato sem biqueira, chega a assumir, por vezes, o ar atrevido e azougado de uma piscadela de olho... Salvo seja!

PASTA MEDICINAL
COUTO

TRATA
gengivas descarnadas
ou sangrentas

EVITA
estomatites mercuriais
ou biomuticas

MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

Couto, Lda. Porto

LEIA TODOS OS SÁBADOS

VIDA MUNDIAL

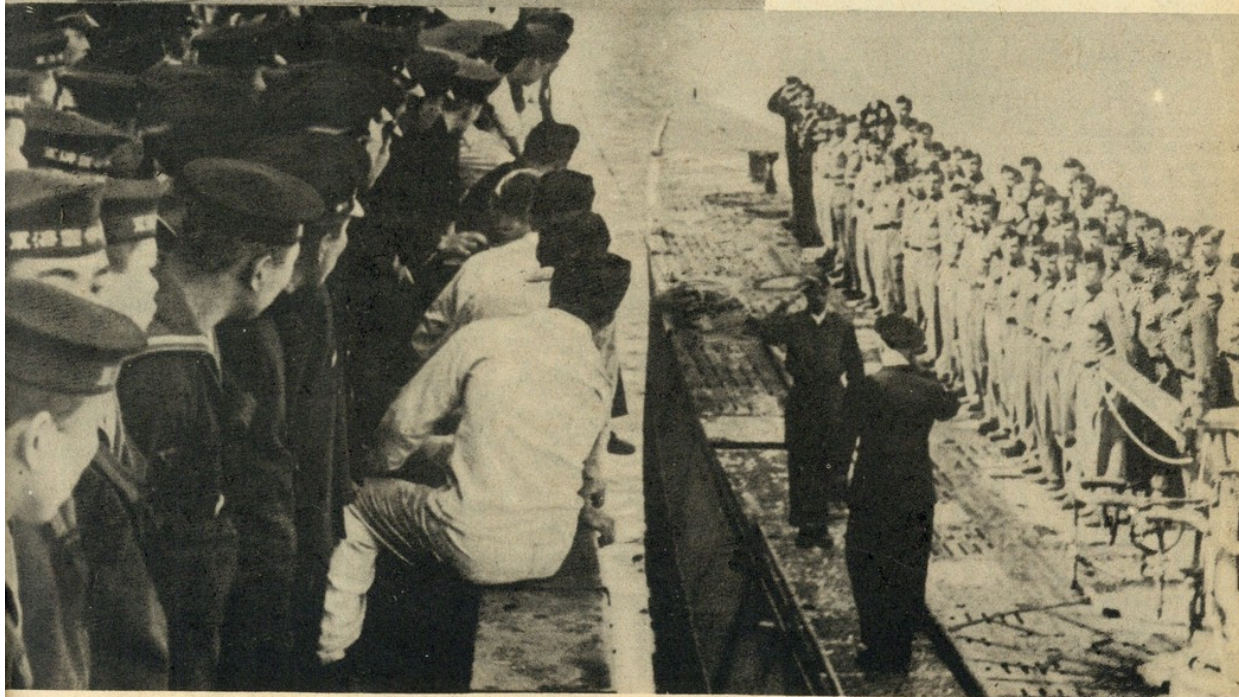
Lá fora

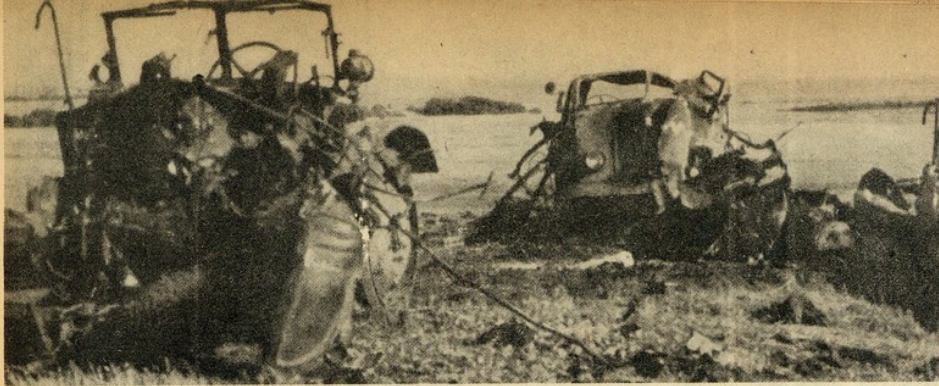
A DIREITA — Grock — o palhaço mais célebre do mundo, que Paris de há vinte anos adorava — retirado de cena desde 1939, foi trabalhar, agora, a convite da «Frente de Trabalho Alemão», nos hospitais de sangue e nas fábricas de material de guerra.



A ESQUERDA — O novo serviço de saúde norte-americano adoptou novas ambulâncias, conduzidas por mulheres, do modelo que se vê na gravura. A velocidade máxima que obtém o novo veículo é de 35 quilómetros e não chega a gastar, de gasolina, dois litros aos cem quilómetros.

EM BAIXO — Um submarino alemão encontrou, numa base do Adriático, um submarino japonês. Os respectivos comandantes saúdam-se enquanto as guarnições estão formadas no tombadilho.





Imagens
da
ITALIA
na
guerra



na
Frente
Oriental



A vitória voa sobre o deserto

por Francisco Velloso

O mundo, soerguido num movimento de ansiedade em que vibra todo o seu fremente desejo de justiça e a aspiração nervosa de que finalmente se chegue aos últimos actos do drama, fixa há oito

dias seus olhares num só ponto do mundo: — a frente do Egipto. A decisão dos aliados aparece a testa dos acontecimentos, apontada como vanguarda do que há tanto tempo se baptizou de segunda ou nona frente.

AMBIENTE

Um simples cotejo de datas marca a altura em que estes sucessos prompõem. É de 26 de Outubro a pública emissão feita por Wilkie do que chamou o relatório da sua viagem. Nessa sua irrequieta parolanda, o antigo rival de Roosevelt apontava a necessidade da segunda frente na Europa e da ofensiva na Birmânia, a imperiosa urgência de se fazer chegar quantidades bastantes de material às regiões de combate, salientando ao mesmo tempo a absoluta conveniência de se conservar acesso o «reservatório de boas vontades» dos povos martirizados.

No dia seguinte, Eden satidava a plena e amiga cooperação anglo-americana, sem precedentes na história dos dois países, e Sinclair podia desafiar a hipótese de uma eventual investida aérea alemã à ilha, com a declaração formal de que a R. A. F. a receberia com maior vigor do que em 1940, e que em Setembro passado o Comando costeiro atacara mais 45 por cento de submarinos do que em qualquer outro mês. Smuts voltava no dia 31 a bradar para a Bélgica e a Holanda invadidas: «Nada nem ninguém nos afastará da firme resolução de esmagar o inimigo». No dia seguinte Wilkie tornava a indicar que a direcção da guerra era confusa, e a reclamar que cessassem na Casa Branca as contemporizações com Vichy, equivalentes ao reconhecimento de facto de um regime que se comporta como adversário persistente das Nações Unidas.

O almirante Stark observava, porém, mais uma vez, na cola das insistentes afirmações de Churchill a quando das suas primeira e segunda viagens aos Estados Unidos:

«O nosso hemisfério ocidental é uma grande ilha, com o Oceano Atlântico de um lado e o Pacífico do outro. Só dominando as rotas marítimas e aéreas poderão os Estados Unidos fazer valer o seu enorme poderio. O poderio marítimo não poderá, só por si, ganhar a guerra, mas só ele pode garantir o transporte de homens e munições para os teatros de guerra vitais, o que é essencial para ganhar a luta. Nunca a Marinha se viu a braços com uma tarefa mais árdua do que a que tem de enfrentar hoje. Nós sabíamos que o ano de 1942 seria duro. Sabemos, também, que as dificuldades não terminarão em 31 de

Dezembro deste ano. A missão é hoje incomparavelmente mais complexa do que em 1917-18. Os alemães dispõem de muito mais bases e de muitos mais submarinos».

E o balanço geral foi por ele traçado com uma clareza impressionante:

«Além disso, dispõem de uma poderosa força aérea para auxiliar a campanha contra a navegação. A Itália e o Japão combatem ao lado deles. Grande parte da esquadra francesa está neutralizada. Até um ano, a Gran-Bretanha e os Domínios combatiam quasi sózinhos, para dominar as rotas marítimas vitais. Durante dois anos e meio, a Gran-Bretanha, isolada, manteve de facto aberto o caminho da vitória da nossa existência sobre a tirania nazi. Há dois factos incontestáveis, seja qual for a nossa opinião acerca deles: Primeiro — Se fórmos fortes no mar e no ar, sobre os mares, seremos fortes em toda a parte; Segundo — O peso da nossa voz nos negócios do Mundo está em proporção quasi exacta com o nosso poderio em armamentos. Aprendemos estas lições. É de desejar que não as esqueçamos».

Neste ambiente geral, haviam tomado desde 24 os generais-chefes do 8.º exército a iniciativa de atacar, como a responderem à presença dominadora do marechal sul-africano em Londres ao lado de Churchill, que dava sinal simbólico de que no n.º 10 de Downing-Street havia d'ora-avante dois inquilinos ilustres.

Dos factos atrás apontados ressaíam conclusões inapagáveis: — a inadialidade da ofensiva; a necessidade de oprimir o inimigo, a partir de certa oportunidade, simultaneamente; o corte das pontes com os países de atitudes dúbias; o reforço vital das comunicações marítimas como essencial condição da sustentação da guerra; o predomínio integral no ar e nas forças blindadas.

Havia, porém, já adquirido desde Janeiro, como dissera Roosevelt, um factor importantíssimo para as nações aliadas: — o da unidade de operações. A produção acelerara-se. As oficinas británicas, como a história há-de contar, haviam coberto e em parte superado, as lentidões ocasionais em certos sectores da indústria norte-americana. O primeiro arranco num teatro de guerra por parte dos Aliados produziria um levantamento geral dos ânimos. Esse acontecimento foi a ofensiva no Egipto.

NA HORA H

É hoje crível que se tal decisão não fosse tomada agora pelo 8.º exército, Rommel se adiantaria mais uma vez aos seus adversários para sangrar os poderosos recursos que pela África Ocidental, pelo Indico e desde o Próximo Oriente, ele estava acumulando. Mas também é já indiscutível que, como há muito vinha a preconizar-se, a recuperação do Mediterrâneo pela reconquista do norte de África, estava no primeiro lugar do plano geral pré-estabelecido nos altos conselhos das Nações Unidas.



O general Montgomery, que comanda o 8.º exército inglês, vencedor no Egipto. O grande chefe militar dirigiu há dias, em plena ofensiva, esta «ordem do dia» às suas tropas: «Estou certo de que todos compreenderão que a batalha que vencemos, é só o começo da nossa tarefa. Ainda há muito a fazer; o que exigirá esforços supremos e grande espírito de sacrifício por parte de todos os oficiais e soldados. Para a frente, portanto, para cumprirmos a nossa missão de expulsar os alemães do norte de África. Os alemães é que iniciaram esta luta, e têm agora que sofrer as consequências. Assim o quiserem, assim o terão. Que nenhum oficial ou soldado diminua os seus esforços. Continuemos a avançar para o ocidente e destruamos o inimigo, onde quer que o encontrarmos.»

(Caricatura de Santana)



Entre nós

A semana passada realizou-se, no quartel de Infantaria 1, uma festa para recepção aos novos soldados, que tomaram parte numa formação, à qual o respectivo comandante passou revista. Um oficial fez uma alocução e saudou os recrutas. Houve demonstrações de manejo de armas, ginástica e jogos de «basket-ball» e o orfeão executou o hino do regimento. À noite, efectuou-se um acto de variedades por praças e uma sessão de cinema.



O Grupo «Os Carlos» comemorou o seu 13.º aniversário e o dia do seu patrono. Resou-se missa, na igreja das Mercês, por alma dos Carlos. Na sede foi inaugurada uma exposição de enxovais, destinados a crianças nascidas, nesse dia, nas maternidades de Lisboa, as quais se chamarão Carlos e terão como padrinhos sócios do grupo, e à noite mais de cem Carlos reuniram-se num jantar de confraternização, do qual publicamos um aspecto.

Com a presença do Enfermeiro-Mor dos Hospitais, sr. coronel Nepumoceno de Freitas, inaugurou-se, há dias, a exemplo dos anos anteriores, nos Hospitais de S. José, Destêrro, Capuchos, D. Estefânia, Curry Cabral e Manicó-mia Bombarda, exposições de crisântemos criados nos respectivos jardins.



Figuras da Vida
MUNDIAL



General Alexander, comandante em chefe das forças das Nações Unidas no Médio Oriente — o homem que, na actual batalha do Egipto, acaba de conseguir uma brilhantíssima vitória sobre os exércitos germano-italianos do marechal Rommel.

(Caricatura de Santana)

A DÚVIDA

(Conclusão da página 15)

nha, quero crer. Dize-me, meu Deus: era tudo imaginação, pois não era? Claro! É evidente que ninguém iria apaixonar-se por uma pessoa como eu. É mesmo ridículo, da minha parte, dar visos de dúvida a uma cousa tão desgraçadamente clara. No entanto...

A minha louca esperança dava, aos seus mínimos gestos e às suas palavras, uma interpretação arbitrária e lisonjeira — a interpretação dum amor calado que ela guardasse para mim, só para mim...

Está bem de ver que esta esperança era uma cousa à parte da consciência do meu aspecto, que nem de outra forma podiam conciliar-se. A realidade da minha cordura não existia, quando eu me enredava, deliciosamente, naquela venturosa ilusão. Tudo isto é absurdo! O que é certo, porém, é que nunca eu pensei em inquirir dela a certeza desse sentimento, que admitia, confusamente, no meu doido sonhar. Deixava-me ir vivendo ao seu lado, na calma e suave companhia da sua presença, e não me lembrava de que um dia viria alguém arrebatá-la, namorado da sua beleza morena e rara. E esse alguém, inesperado, veio ontem. Era um rapaz magro, loiro, com uns olhos azula-dos e tristes, que buscavam ansiosamente os dela.

De princípio, esta intromissão pareceu-me tão insolita e tão infante como se ela fosse mesmo a minha mulher e ele andasse ali, a cortejá-la, com o absoluto desprezo dos meus sentimentos e dos meus direitos de marido — e um ódio tóxico, brusco, fez luzir no meu cérebro a ideia cruenta de matá-lo. Logo a seguir, porém, cai na evidência desorientada de que não existia, entre nós, qualquer afinidade — e isto gelou-me.

Porque não havia ele de cortejá-la? E ela, também, porque não havia de murmurar-lhe o «sim» deslumbrado que é o princípio de constituição duma família? Que loucura era a minha de pretender significar qualquer cousa entre eles? E bati três vezes na frente: louco! louco! louco!

E que desânimo imenso! Que esforço sobrehumano me custava o mover dos lábios, para dizer qualquer palavra que fosse preciso dizer! No meu cérebro pairava uma única ideia, assustadora e negra: ele roubou-me! E eu não queria que ele me roubasse, não queria mesmo admitir essa possibilidade, e o meu desânimo, afinal, o que era ele senão uma sensação irremediável de perda? Tinha a impressão de senti, o sangue correr nas veias, num correr quente e grosso de chumbo

derretido. Ele rouba-me! Ele rouba-me!

Da porta, o rapaz louro cobria-a toda com a ternura azul das suas pupilas tristes e as minhas mãos tremiam, todo eu tremia. Do peito espesso vinha-me uma sensação desolada de vazio. Não, não era isso... Havia alguma cousa lá dentro: havia a dor. E seria mesmo do peito que me vinha essa dor? Todo eu me sentia um farrapo, embebido num lento e continuo sofrer. Mas depois, pouco a pouco, o meu cérebro desorientado começou a arrumar-se, começou a raciocinar... Isto foi hoje, na última manhã do meu convívio com ela. Eram dez horas. Do meio dia às catorze horas o estabelecimento fechava e nós iam os almoçar. «Vamos — pensei — tu já lhe disseste alguma cousa? Como queres tu que ela adivinhe o teu amor? Andá! Tentá!»

O rapaz louro tinha aparecido ontem, fugidamente, e só agora, pela insistência paciente da sua presença, de cá para lá, ou parado no disfarce de olhar as vitrines da porta, só agora eu compreendia a intenção inabalável que ali o retinha: ele esperava, exactamente, que ela saísse, para decidir tudo — e eu tinha de falar-lhe antes dela sair. Havia duas horas na minha frente. Dentro desse tempo, era absolutamente necessário que eu lhe falasse.

E, enquanto eu determinava esta conduta, a péndula branca e redonda, como uma lua, continuava o indifferente e sonoro vai-vém do seu «tic-tac...». Os minutos gastavam-se. «Vamos! Falá!» As vezes era tão suave o negro veludo dos olhos dela... Tão suave... «Vamos!» Mas os meus lábios estavam cada vez mais pesados. Parecia-me impossível que pudesse movê-los. E, depois... As malditas vitrines! Porque reflectiam elas o tenebroso grotesco da minha figura? Porquê? Porquê? Era como se me dissessem, com uma crueldade refinada e satânica: «Olha como tu és. Mira bem essa monstruosidade». E eu via o rosto dela e adivinhava de como ele se modificaria, compondo a expressão do pasmo, logo que eu começasse a falar: «Mas o senhor pensou!...» E ouvia-a rir. Oh! Na minha imaginação, ressoava uma gargalhada dela — longa, pérfida, diabólica! Mas isso não podia ser. Não, de maneira nenhuma. E, novamente, as vitrines. — «Mas tu crês que possa alguém amar-te? Olha bem para ti. Não voltas a cara.»

Malditas! E o relógio ia contando todos os segundos do meu desespero, com a precisa e sublime indifferença duma máquina perfeita. Eram já onze horas e havia freguezes na loja. Havia sempre freguezes quando eu

me dispunha, corajosamente, a falar-lhe. Mas, até com estes, a minha voz soava diversa, profundamente alterada, no timbre, e uma dificuldade enorme de locução progredia. Em mim, de palavra para palavra. Meu Deus, que tortura! Comecei a sentir que passaria mais esta hora, que iria almoçar sem lhe ter dito nada e que, então, o outro, tomaria sobre mim a vantagem da antecipação. Estava perdido; era a felicidade que me fugia das mãos frouxas. E, também, de minuto para minuto, a minha pouca confiança estava desaparecendo. As vitrines! Que desejo louco de partir todos aqueles vidros! De vez em quando, pelo rasgo da porta, eu via passar o rapaz louro, nos passos lentos de quem espera alguém, e percebia, enlouquecido, que ele ia antecipar-se-me. — «Não importa — sossegava-me. — Se ela me preferir... Mas esta esperança vaga da sua preferência toldava-se, cada vez mais, de inverosímil e de ridículo. E o ponteiro do relógio avançava... Eram já onze e meia; e foi, rapidamente, meio dia!

Ela entrou, no cubículo ao lado, a despir a bata, e demorou alguns momentos, que eu adivinhei gastos no retoque dos lábios, a «baton», e no empoar da sua pele morena, com um pouco de pó de arroz, leve e cheiroso. Depois, saiu, grácil, fresca, perfumada, e olhou-me, a sorrir, com os seus olhos líquidos.

— Até logo! — disse-me, e apanhou a minha mão, na sua mão morena, preminho-a, ao de leve, com os dedos esguios.

— Até logo... Mas senti, de repente, com redobrada e alucinante certeza, que nunca mais o meu coração a alcançaria, desde que ela saísse. E os meus olhos acompanhavam o seu vulto querido, desorbitados, suspensos, e

afigurava-se-me que cada um dos seus passos miudos punha, entre nós, uma distância infinita. Na minha testa perlava o suor. Que longe, que longe que ela estava!... Parecia-me que a minha voz já não conseguiria tocar os seus ouvidos. E, súbito, gritei: — Maria Luíza!

Ela estacou, alvoroçada pelo tom ansioso, que percebi no meu grito e os seus olhos assustaram-se. Voltou atrás, condoída, a flita, porque a minha palidez e o suor frio, sobre o mármore da testa, me davam um aspecto angustioso e doentio. Desmaiei. Recobrei os sentidos, em meio das suas desorientadas providências, e desculpei-me, humildemente, confusamente: — «Que não era nada. Que estava desolado pelo susto e pelo incómodo que ela tivera. «E bebi o copo de água que as suas mãos me ofereciam. Depois... Ah! Porque não falei eu? Porque não falei eu? Porque não lhe confessei tudo?»

Maria Luíza! Aos meus ouvidos, as palavras do teu nome não perderam a bela sonoridade poética, que sempre me encantou, mas soam, agora, tão tristes como os versos dolorosos dum letrada. Maria Luíza, meu único amor... Que vontade irremediável de chorar! Mas porque não falei eu? Deixei-te ir embora, sem uma palavra e, no entanto, eu sabia perfeitamente que ia perder-te. E terás tu retribuído o amor que ele te ofereceu? Houve tempo, em que eu tive uma esperança maravilhosa e estulta. E, ainda agora... Mas não: era impossível... Fiz, exactamente, o que apenas podia fazer: fugi. Senti-me sem coragem para saber a certeza — e fugi, desiludido com a minha dúvida. Mas, em toda a parte, me persegue o olhar de veludo das tuas pupilas negras e parece que eu entendo, nesse olhar, o longínquo dizer duma exploração melancólica...



NOVO HORÁRIO NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA TODOS OS DIAS

Horas	Estações		
8,50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 11.810
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
12,20 Comunicado Q. G. I.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
14,10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
22,40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
22,40 Noticiário		m. 22.11	
		m. 26.32	
0,00 Noticiário	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

21.20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11.695
21.20 (Quarta-feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830

Vida
MUNDIAL
Ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942.

...E chamava-se a isto "desporto"...



Aspecto de um campo de futebol, após um jogo de campeonato. — Por Stuart Carvalhais



*No Vaticano, Sua Santidade
falou em português aos portugueses*